



O Começo

Minha relação com a UNILA é anterior a 2010 e se iniciou quando eu ainda era assessor da Secretaria-Geral da Presidência da República, no segundo governo Lula. Nos anos que antecederam a criação da UNILA, eu vinha trabalhando, juntamente com o Departamento Mercosul do Itamaraty, sobre os temas sociais da integração regional, numa perspectiva que chamávamos de “integração ampliada”. As Cúpulas Sociais do Mercosul, que ajudei a idealizar, continham objetivos e metas muito mais ousadas que os meros acordos comerciais. Paralelamente, o Mercosul Educacional vinha se consolidando como um dos vetores centrais da integração ampliada. A integração da educação, da cultura, das artes, da ciência e tecnologia passava a ocupar um lugar de destaque no Mercosul, ao lado de temas diversos como a agricultura familiar, a juventude, os direitos dos trabalhadores, das mulheres, dos povos indígenas, da população LGBT, dos migrantes, entre tantos outros. Nesse ambiente de debates democráticos, o projeto da UNILA foi sendo discutido e aprimorado.



Assisti a reunião em que foram empossados os membros da Comissão de Implantação pelo então ministro da Educação Fernando Haddad. Antes de o governo brasileiro dar esse passo, chegou-se a discutir a criação de uma Universidade do Mercosul, que não logrou avançar. Decidiu-se então pela criação do IMEA, como uma espécie de centro de reflexão latino-americanista e órgão responsável por subsidiar as políticas públicas do Mercosul. A expectativa geral era que o IMEA se convertesse na futura universidade do Mercosul. Como isso tardou a acontecer, por decisão do então presidente Lula criou-se a UNILA em território nacional, em região de fronteira, propícia ao trânsito migratório, com o intuito de facilitar o ingresso de estudantes, professores e técnicos administrativos dos demais estados parte. Foz do Iguaçu foi eleita para ser a sede da nova universidade por reunir essas virtudes estratégicas. Nesse contexto, a UNILA nasceu com vocação de universidade internacional, oficialmente bilíngue, permeável ao plurilinguismo praticado em seu dia a dia. Conforme a Lei 12.189/10 que a criou, sua missão é a de “formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e



educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul - MERCOSUL”. Haver participado daquele momento fundacional foi uma experiência única que me deu a oportunidade de avaliar as escolhas que foram sendo feitas ao longo desses anos. Como sabemos, não foi nada fácil concretizar aquele projeto!

As conquistas

Inúmeras conquistas foram alcançadas ao longo desses dez anos. A administração central tem divulgado periodicamente, como parte das celebrações do aniversário dos dez anos da UNILA, as estatísticas que traduzem esses avanços, com ênfase no crescimento do número dos cursos de graduação, pós-graduação, licenciatura e especialização; dos estudantes egressos; dos artigos científicos publicados; dos projetos de extensão universitária, iniciação científica e mobilidade acadêmica realizados. São números vistosos, que dão uma noção quantitativa do avanço alcançado. Mas nada disso seria possível se os obstáculos iniciais não tivessem sido vencidos. É



importante lembrar, por exemplo, que setores contrários à expansão (e interiorização) das universidades públicas já eram atuantes naqueles tempos e estavam presentes na grande imprensa, nos partidos de oposição e nas associações empresariais que disputavam recursos públicos para as universidades privadas. Esses setores sempre se opuseram às novas universidades, bem como ao ENEM, às cotas raciais ou à utilização dos recursos do pré-sal para o financiamento da educação pública e gratuita. Eles combateram ferozmente a ideia de criação da UNILA, alegando motivos de ordem ideológica (“é uma universidade do PT”), financeira (“é um projeto milionário”) e geopolítica (“nossos parceiros naturais são os Estados Unidos e não a América Latina”). Portanto, a principal batalha daqueles anos consistiu em desmontar esses argumentos falaciosos e afirmar o projeto integracionista da UNILA. Creio que logramos vencer aquelas batalhas iniciais. Com determinação e perseverança mostramos para a sociedade as vantagens de uma universidade nos moldes da UNILA, a serviço do desenvolvimento científico e tecnológico e voltada para a busca



de solução dos nossos problemas comuns, sem copiar fórmulas estrangeiras ou se curvar diante de pretensos centros internacionais difusores de conhecimento. Nos inspirávamos então nas palavras de José Martí (o herói cubano de Nuestra América “que conheceu as entranhas do monstro”) e nos ensinamentos de Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Contávamos, além disso, com o respaldo das autoridades governamentais, não somente do MEC, mas também dos ministérios das Relações Exteriores, da Cultura, entre outros. Isso sem falar no apoio pessoal do ex-presidente Lula, que sempre manifestou carinho e apoio pessoal a este projeto, o que nos permitiu ir enfrentando as dificuldades de moradia, saúde e transporte estudantil; insuficiência de salas de aulas, e outros com os quais nos deparávamos cotidianamente. Tudo isso com uma certa dose de improvisação, pois a verdade é que não tínhamos para onde olhar e nos apoiar em razão do pioneirismo da nova universidade, empreendimento sem paralelo na história da educação brasileira. Foi um desafio imenso, como se pode imaginar, sempre encarado com a alegria contagiante que caracterizou aqueles anos iniciais.



Os primeiros estudantes

Ao contrário do que acontece há algum tempo, o processo seletivo dos alunos estrangeiros nos anos iniciais estava a cargo do Ministério de Educação dos países de origem. Para levar a cabo a seleção desses estudantes contávamos com o apoio do Itamaraty e das embaixadas brasileiras, responsáveis por fazer os contatos preliminares e informar o número de vagas e dos cursos oferecidos às autoridades nacionais. Posteriormente, o reitor, o vice-reitor ou um dos docentes viajava ao país em questão para concluir o processo e receber os novos estudantes. A vantagem desse método é que os estudantes chegavam ao Brasil conhecedores do projeto político-pedagógico e da missão integracionista da Universidade. É bem diferente do que é feito atualmente, quando a seleção acontece no Brasil e as inscrições individuais são feitas pela internet. Anteriormente, o processo seletivo continha em si mesmo um componente pedagógico, em benefício de todos, estudantes e professores. Enquanto estive à frente da Secretaria de Relações Institucionais realizei algumas



dessas missões à Nicarágua, Honduras, Cuba, Haiti e Bolívia, os países que me tocaram acompanhar. Em 2011, ao chegar à La Paz, me reuni com autoridades do ministério da Educação e da Universidade Nacional. Recordo-me que o vice-ministro era um dirigente uru-aimará, da mesma etnia do então presidente Evo Morales. Nesses encontros foram ratificados os termos da parceria com a UNILA, previamente acertada com a Universidade Nacional com apoio da Embaixada brasileira na Bolívia. O primeiro grupo de estudantes bolivianos a vir para a UNILA estava composto por cerca de 30 a 35 jovens, a maioria de origem indígena ou camponesa, altamente representativos das diferentes etnias do recém-criado estado plurinacional boliviano. Observe que muito antes de se falar na seleção de indígenas, nós já a praticávamos naqueles anos iniciais, sem alarde ou burocracia, simplesmente porque entendíamos que uma universidade como a UNILA não poderia ser feita sem eles. Posteriormente, ainda em La Paz, participei de reunião com os pais dos estudantes selecionados, as autoridades educacionais e os estudantes, em que se discutiu por horas a fio aspectos gerais



da logística de Foz do Iguaçu, a missão universitária da UNILA, dos cursos oferecidos, da nacionalidade dos demais estudantes selecionados, da fronteira trinacional etc etc. Percebe-se como, ao mesmo tempo em que íamos implantando a UNILA, contribuíamos para fortalecer o próprio processo de Integração regional, uma vez que esses contatos não eram senão uma prática do soft power que o Brasil desenvolvia em prol da integração regional. Mais tarde, tive a satisfação de ser professor de alguns daqueles estudantes bolivianos. Todos eles já se formaram e seguem suas carreiras profissionais como economistas, engenheiros, sociólogos etc, ou prosseguem sua formação acadêmica de pós-graduação em outras instituições.

Crescimento

Foi muito gratificante ver a UNILA crescendo e se consolidando. Grande parte disso se deve ao trabalho dos que chegaram posteriormente. Em educação ninguém faz nada sozinho. É como uma casa, que vai sendo construída aos poucos. Cada geração coloca alguns tijolos. O que não dá é para cada novo mestre de obras achar



que deve por tudo abaixo pra recomeçar do zero. Aí não funciona, né?

Quando se decidiu pela implantação da UNILA em Foz do Iguaçu, tinha-se consciência das dificuldades de contar com professores morando e trabalhando em tempo integral na cidade. Docentes com carreiras consolidados dificilmente se dispõem a se afastar da família e embarcar numa aventura na fronteira. Conseqüentemente, a maioria dos docentes selecionados era de jovens professores, recém-doutores ou mestres em vias de conclusão do doutorado. Apenas alguns possuíam formação especializada nos temas da integração regional.

Na tentativa de sanar esse problema, foi contratado um grupo de professores seniores, que não seriam obrigados a se mudar para Foz do Iguaçu. A experiência foi positiva em alguns casos e noutros deixou a desejar, dependendo do engajamento pessoal de cada um, o que revelava a falta de um plano preciso de trabalho e de uma coordenação geral do projeto. Também deixaram a desejar as famosas Cátedras, cujas contribuições foram residuais, em que pese o grande número das que foram criadas. Seria muito interessante que as contribuições de cada uma delas fossem melhor divulgadas. Para não me alongar muito, gostaria de reter o fato de que, do meu ponto de vista, a contratação



dos novos docentes (e particularmente da metodologia empregada nos concursos seletivos) poderia haver se ajustado melhor às especificidades do projeto político-pedagógico da nova universidade. Ao lado de um núcleo básico de docentes da UNILA, poderia ter sido interessante contar com uma maior contribuição de professores visitantes, brasileiros e estrangeiros, que certamente se disporiam a ficar por aqui por períodos curtos de 12 a 18 meses. Nos tempos em que os ventos sopravam a favor da integração regional, foi possível ir administrando essa contradição; mas atualmente, quando o regionalismo refluíu em todo o planeta, o problema da seleção de novos docentes tende a se agravar, não sendo desprezível os riscos que isso impõe para a continuidade da matriz curricular e o projeto pedagógico dos cursos oferecidos pela Universidade.

A Comunidade

Uma das minhas atribuições como Secretário de Relações Institucionais naqueles anos iniciais de implantação da UNILA consistiu em projetar as bases de um conselho de representantes da universidade e da sociedade civil da fronteira trinacional. O fato desse projeto não ter se



concretizado até agora é revelador das dificuldades enfrentadas. Todos nós tínhamos consciência da importância do intercâmbio entre a universidade e a comunidade da fronteira trinacional. Competiria a este conselho fazer a ponte entre a UNILA e as organizações da sociedade civil dos mais variados setores, chamando para esse diálogo institucional empresários e trabalhadores, movimentos sociais, universidades públicas e privadas, organizações religiosas, juventude, indígenas, migrantes, mulheres e tantos outros segmentos representativos da diversidade social, étnica e cultural da fronteira trinacional. A ideia era inovadora, pois não se tratava de criar mais um conselho em moldes tradicionais, mas de conferir a ele o poder de deliberar sobre a natureza dos projetos a serem desenvolvidos na região. Nossa intenção era oferecer aos representantes da sociedade civil a oportunidade de participar das escolhas estratégicas da pauta das pesquisas e dos projetos de desenvolvimento local, de modo que eles também pudessem assumir o papel de sujeitos do conhecimento e não serem meros objetos de estudos ou projetos de extensão definidos nos gabinetes. Nossa proposta consistia em inverter a lógica do que se fazia tradicionalmente nas outras universidades. Não tinha sentido criar



uma universidade nova para fazer da mesma forma que as velhas já faziam. Recordo-me que, além dos contatos institucionais com representantes da sociedade civil, estive em Brasília e obtive do então presidente da Caixa Econômica Federal a cessão do edifício central da Caixa, localizado defronte da tradicional feirinha de Foz do Iguaçu, para servir de sede do conselho e ser espaço cultural para a realização atividades diversas, o que nos libertaria do confinamento a que estamos submetidos, trazendo uma parte da UNILA para o coração da cidade. Por razões que desconheço este projeto não foi adiante, o que me levou a me afastar da direção central e me dedicar apenas às atividades letivas. É curioso como o nosso projeto original foi se ajustando à realidade. Naqueles tempos dizíamos que a fronteira, depois da chegada da universidade, ficaria com a cara da UNILA; dez anos depois verificamos quanto de pretensão havia naquela formulação, e constatamos que aconteceu o inverso, e a UNILA foi ficando com a cara da fronteira. Isso não é necessariamente ruim, é apenas diferente do que então imaginávamos. Mas é interessante se perguntar como e por quê isso aconteceu e quais seriam as suas implicações futuras.



Fatos a serem destacados nos 10 anos de UNILA

Citarei dois: a realização da X Cúpula Social do Mercosul, em dezembro de 2010 e do XVII Congresso Internacional do Fórum Universitário Mercosul, em setembro de 2019. Obviamente, há um montão de outros, estritamente universitários e mais ou menos marcantes. Fico com esses dois por haver participado de ambos, sendo diretamente responsável por eles. A Cúpula Social inaugurou a reforma do Teatro Barrageiro, especialmente executada para recebê-la. Os estudantes estavam em peso, e participaram dos grupos de trabalho juntamente com representantes dos movimentos sociais e representantes docentes e discentes dos países do Bloco. Ao final do encontro, os presidentes Mujica, Lula e Lugo receberam dos alunos o documento final contendo as conclusões da Cúpula Social, amplamente discutida nos dias anteriores. Aos olhos de todos, a recém-criada universidade da integração latino-americana e caribenha ia deixando de ser apenas um sonho para se tornar realidade. Já o XVII FoMerco, realizado no Jardim Universitário no ano passado, não foi menos participativo. Eu nunca vi o Auditório Martina tão lotado como



naquela noite de encerramento, na qual o ex-chanceler Celso Amorim falou sobre o futuro da América Latina no Mundo. Quem teve a oportunidade de participar deve se recordar de como foi marcante aquele evento. Para concluir, gostaria de dizer porque mencionei estes dois acontecimentos. Para mim eles são bastante significativos do projeto político pedagógico que inspirou a criação da UNILA, comprometidos com a integração latino-americana, como sempre deveriam ser o conjunto de nossas atividades acadêmicas, independentemente da dinâmica do oeste do Paraná, em que já se cogitou inserir a nossa universidade em prejuízo de sua missão latino-americanista.

Expectativas para os próximos 10 anos

Espero que a UNILA tenha uma sede própria. Dos problemas não resolvidos pelas administrações anteriores - por todas elas, sem exceção - foi a falta do campi universitário o que nos causou maiores danos. Recursos vultuosos que poderiam ser destinados a pesquisa, bolsas e assistência estudantil foram drenados para pagar alugueis de



imóveis caros e impróprios. Esse não é um problema menor, capaz de ser resolvido com medidas paliativas. Aulário não é sede universitária. Por isso, minha maior expectativa para os próximos anos é que a “nova” universidade venha a ter uma sede definitiva pra chamar de sua. Infelizmente os ventos sopram em sentido contrário, e o que já era difícil antes, deverá ser muito mais agora. O tempo dirá!

